



Editora: Ana Paula Macedo
anapaula.df@dabr.com.br
3214-1195 • 3214-1172

12 • Correio Braziliense • Brasília, domingo, 16 de março de 2025

INFÂNCIA AMEAÇADA

Quarenta milhões de crianças e adolescentes brasileiros com menos de 18 anos estão expostos a mais de um risco climático, segundo o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef). Sozinhos ou combinados, esses fatores estão associados a desfechos que vão de parto prematuro a comprometimento do cérebro.

RISCOS

Riscos associados ao clima com impacto significativo em crianças:

- Calor extremo
- Seca
- Incêndio
- Tempestade
- Enchente
- Poluição atmosférica
- Mudança no padrão de vetores

MULTIPLICADORES

Fatores agravados pelas mudanças climáticas:

- Escassez e contaminação da água
- Insegurança alimentar
- Danos à infraestrutura
- Interrupção de serviços básicos
- Desalojamento

VULNERABILIDADES

Fatores que determinam a habilidade da criança em lidar com a situação:

- Condição socioeconômica
- Condições de saúde preexistentes
- Localização
- Igualdade social

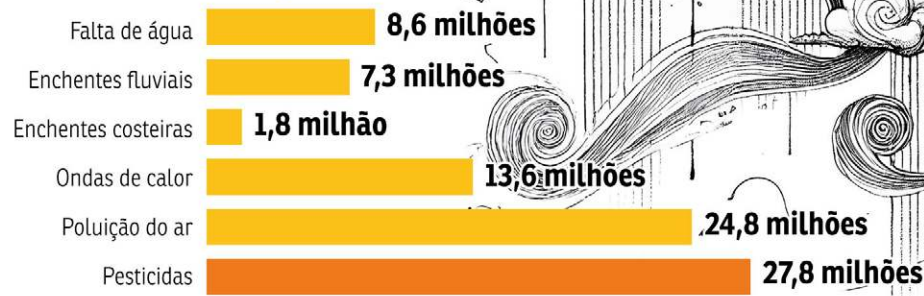
IMPACTOS

Implicações na saúde que contribuem para a morbidade e mortalidade infantil:

- Complicações na gestação e no parto
- Doenças infecciosas
- Impactos no neurodesenvolvimento e na saúde mental
- Efeitos no bem-estar
- Desnutrição
- Lesões físicas
- Doenças crônicas



TIPO DE EXPOSIÇÃO



Expostos (crianças e adolescentes com menos de 18 anos)

Fontes: The climate crisis is a child rights crisis: Introducing the Children's Climate Risk Index/Unicef

Valdo Virgo/CB/D.A Press



FUTURO EM EBULLIÇÃO

Crise climática coloca em risco a saúde de crianças e adolescentes, mais vulneráveis aos impactos negativos, que começam a afetá-los ainda na fase intrauterina. A partir de hoje, o **Correio** publica uma série de reportagens sobre o tema

» PALOMA OLIVETO

Uma criança nascida daqui a 25 anos enfrentará o desafio de ser uma sobrevivente climática. Dois mil e cinquenta é a data estabelecida pelo **Acordo de Paris** para a neutralidade de carbono — quando a soma das emissões de gases de efeito estufa deverá ser igual à capacidade de removê-los da atmosfera. Mesmo se a meta for alcançada — e dificilmente será, segundo projeções baseadas na falta de progresso atual —, o mundo terá se tornado um lugar muito mais inóspito do que o conhecido pelas gerações anteriores.

Em 2050, a Terra estará, no mínimo, 1,7°C mais quente do que no fim do século 19: 0,2°C acima do registrado hoje, quando batemos, por dois anos consecutivos, o recorde de calor atmosférico. Comparado à geração Z, um bebê nascido em 2050 estará oito vezes mais exposto a ondas de calor extremas. O risco de testemunhar incêndios florestais graves será duas vezes maior; haverá o triplo de probabilidade de enchentes, e 1,3 mais crianças enfrentarão secas severas.

Nem é preciso dar um salto no tempo para sentir o impacto da crise climática na saúde infantojuvenil no mundo. Um levantamento da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e da universidade fluminense Unifase, por exemplo, detectou um aumento de 24% nas internações de bebês por pneumonia, bronquite e bronquite em unidades do Sistema Único de Saúde (SUS), entre 2022 e 2023. Na cidade chinesa de Guangzhou, ondas de calor sucessivas foram associadas a 23,8% mais casos de ferimentos em pré-escolares. Na área rural de Uganda, secas extremas reduziram o suprimento de calorias das dietas infantis em 67%, e uma diminuição de 10% na ingestão de zinco aumentou em até 3,5 pontos a probabilidade de nanismo.

Segundo o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), praticamente todas as crianças do mundo — 2,3 bilhões, em 2023 — estão expostas a algum perigo ambiental e/ou climático, sendo que, hoje, uma em cada três vive em regiões com risco elevado. Somente no Brasil, há 40 milhões de meninos e meninas nessa categoria.

COP30

Em novembro, o Brasil sediará a Conferência das Partes das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas em Belém (COP30). O objetivo principal do evento é colocar em prática o Acordo de Paris, um documento de 2015, que visa reduzir a emissão de gases de efeito estufa e, assim, limitar o aumento da temperatura a 1,5°C em relação aos níveis pré-industriais. Desde 2023, a agenda oficial do evento inclui discussões sobre mudanças climáticas e saúde humana.

Três perguntas para

ANDREA JÁCOMO, pediatra e professora do curso de Medicina do Ceub

Por que as crianças são mais vulneráveis ao calor extremo?

Crianças, por características do funcionamento renal, gastrointestinal e respiratório, desidratam mais rápido e têm mais dificuldade em se manter hidratadas. Isso pode acontecer pela dependência dos seus cuidadores, pela dificuldade de entender a necessidade da hidratação ou, muitas vezes, devido ao “esforço” para manter a hidratação nos níveis ideais.

Quais as complicações pediátricas mais comuns associadas ao calor extremo?

Além da desidratação, as crianças podem apresentar fraqueza, tontura, náusea, cãibra, irritação da pele e das mucosas, bem como alterações do humor, do sono, diminuição do apetite e até

insolação (quando a temperatura corporal ultrapassa 40°C). Esse último é considerado uma emergência médica que pode causar confusão mental e até convulsões.

O calor extremo pode agravar o risco de doenças infecciosas, como dengue e malária. Essas doenças também têm um impacto maior na saúde de crianças?

Sim, o aumento das doenças infecciosas impacta diretamente na saúde infantil. O crescimento de mais de 500% no número de casos de dengue em 2024, quando comparado ao ano anterior, também foi sentido na faixa etária pediátrica, com aumento de internações e mortes. Já observamos também um aumento do número de gastroenterites e outras doenças causadas por vírus.

De hoje a quarta-feira, uma série de reportagens do **Correio** mostra como a crise climática impacta negativamente a saúde de crianças e adolescentes, ameaçadas por um planeta cada vez mais insalubre devido às atividades humanas.

Vulnerabilidade

Crianças são particularmente vulneráveis aos efeitos das mudanças climáticas: elas inspiram um volume maior de ar do que os adultos (e, conseqüentemente, mais partículas poluentes); o sistema imunológico está em formação, por isso, têm quadros

mais graves de doenças infecciosas; seu metabolismo é mais acelerado, o que as coloca em maior risco de superaquecimento em altas temperaturas. A exposição prejudicial começa antes do nascimento: um estudo da Universidade de Sydney, na Austrália, demonstrou que cada 1°C de aumento na temperatura eleva em 5% a chance de parto prematuro ou natimorto. “Na gestação, se a mãe estiver exposta a um volume significativo de ar poluído, haverá impacto na saúde da placenta, prejudicando a nutrição do feto e do bebê”, atesta Carlos Augusto Mello da Silva, presidente do Departamento Científico de Toxicologia e



Arquivo pessoal

a infância e adolescência sob risco, se não houver uma mudança muito clara de prioridade.”

O médico e pesquisador destaca algumas dessas pressões: “Além da poluição atmosférica e dos alérgenos, que aumentam asma e pneumonia, há o risco do aumento de doenças transmitidas por vetores, como dengue e malária”, diz. “Com a elevação da temperatura, também temos as diarreias, provocadas tanto por bactérias como vírus, além da insegurança alimentar. É uma tragédia”, avalia Fernandes de Barros.

Calor

Os recordes de temperatura atmosférica e oceânica batidos mês a mês desde 2023 têm aumentado as pesquisas sobre o tema: o PubMed, um dos maiores indexadores da literatura médica, registra um crescimento crescente nas publicações com a palavra-chave calor; eram 13,6 mil há uma década, e passaram para 20,2 mil no ano passado. Somente nos três primeiros meses de 2025, já foram divulgados 5.140 artigos.

Uma dessas pesquisas recentes reviu a produção científica sobre os efeitos de ondas de calor exclusivamente na saúde das crianças, com a avaliação de artigos publicados entre 2013 e 2023. Além de um aumento nas hospitalizações por todas as causas entre pacientes pediátricos, os pesquisadores encontraram associação entre altas temperaturas e doença cardiovascular congênita, desnutrição e sépsis, fora a já bem documentada relação com enfermidades respiratórias.

“O aumento de eventos de calor extremo impacta as crianças mais severamente do que os adultos devido à sua fisiologia, crescimento e desenvolvimento únicos”, escreveram os autores norte-americanos, no artigo publicado no *Journal of Climate Change and Health*. Um ponto destacado pelos pesquisadores é que, na literatura revista, crianças e adolescentes de países e regiões mais pobres foram os mais afetados.

» **Leia amanhã: Como a crise climática afeta o neurodesenvolvimento e a saúde mental de crianças e adolescentes**